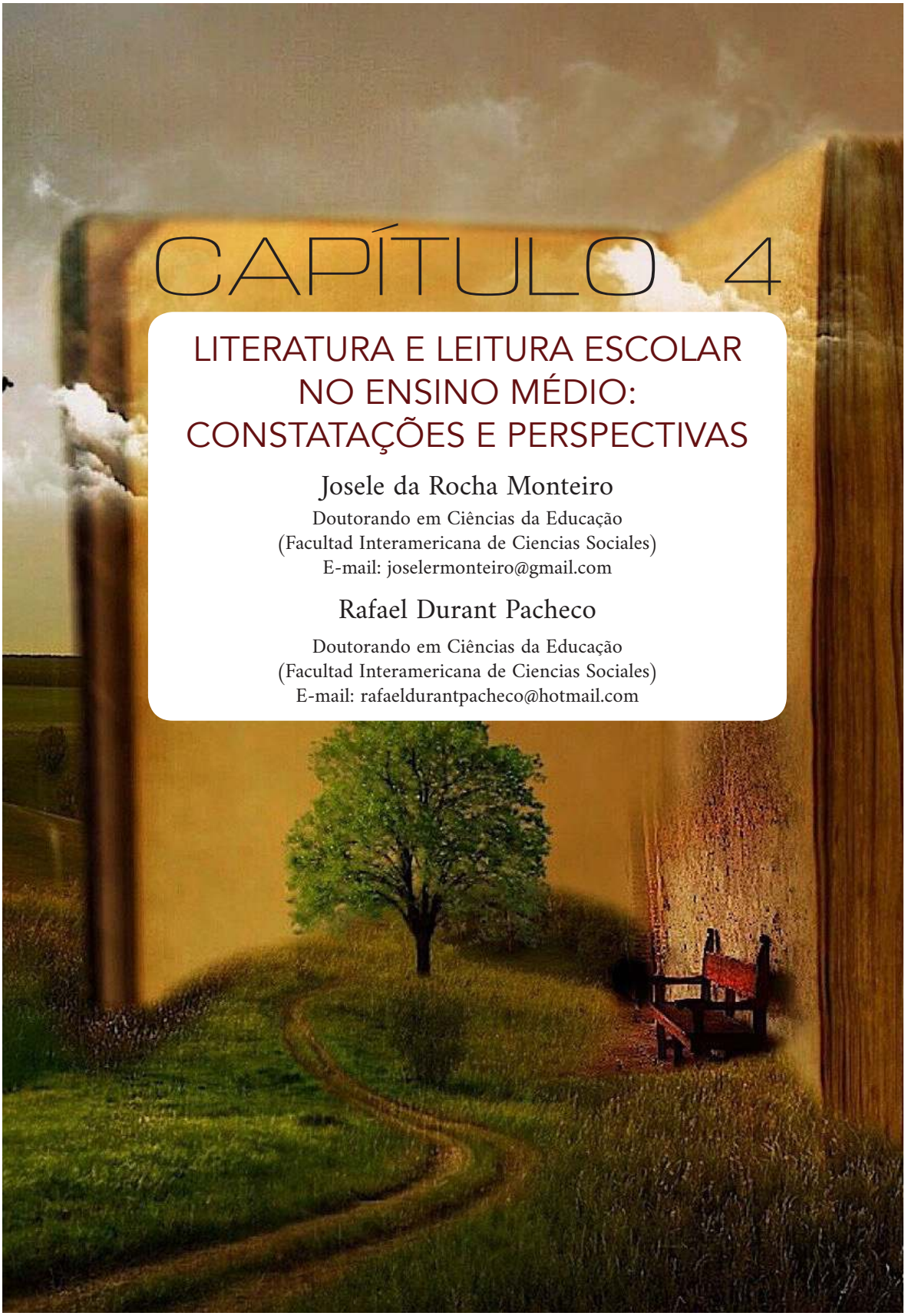


CAPÍTULO 4

LITERATURA E LEITURA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: CONSTATAÇÕES E PERSPECTIVAS

Josele da Rocha Monteiro

Doutorando em Ciências da Educação
(Facultad Interamericana de Ciencias Sociales)
E-mail: joselermonteiro@gmail.com

Rafael Durant Pacheco

Doutorando em Ciências da Educação
(Facultad Interamericana de Ciencias Sociales)
E-mail: rafaeldurantpacheco@hotmail.com

RESUMO

Pensando na perspectiva de que a leitura e a literatura estão intimamente interligadas, é necessário repensar quais estratégias didáticas os professores lançam mão. Neste sentido, este estudo buscou compreender quais estratégias didáticas são mais eficazes e interessantes para se alcançar os alunos no que se refere ao ensino da literatura e na prática da leitura. Foi abordado ainda o papel não apenas da escola, mas da família no processo de fomentação da leitura literária. Desta forma, ao final dos estudos foram apresentadas sugestões para prática de ensino e para formação de um leitor crítico.
Palavras-chave: Leitura. Literatura. Estratégias Didáticas.

ABSTRACT

Thinking from the perspective that reading and literature are closely intertwined, it is necessary to rethink what didactic strategies teachers use. In this sense, this study sought to understand which didactic strategies are more effective and interesting to reach students in terms of teaching literature and reading practice. The role not only of the school, but of the family in the process of promoting literary reading was also addressed. Thus, at the end of the studies, suggestions were presented for teaching practice and for training a critical reader.
Keywords: Reading. Literature. Didactic Strategies.

INTRODUÇÃO

A leitura não pode ser considerada um ato isolado no ensino de literatura, mas sim uma aliada, principalmente em tempos em que todas as informações estão disponibilizadas na internet nas mais diversas modalidades de plataformas.

Neste sentido, é necessária a discussão a respeito do desafio da leitura nas escolas e principalmente no segmento do Ensino Médio.

Partindo da relevância da Literatura no Ensino Médio e da necessidade de formar leitores competentes, capazes de desenvolver reflexões e ações no contexto em que estão inseridos com autonomia e identificando o prazer no texto literário é que surgiu a inquietação em desenvolver o presente texto.

Para subsidiar esse debate serão utilizadas fundamentações teóricas de autores de renome na temática da leitura, tais como Todorov, Jouve e Zilberman entre outros.

Quanto a abordagem metodológica, este estudo possui um perfil bibliográfico. Para tanto, foram utilizados estudos de autores que se debruçaram em investigar a leitura e o ensino de literatura.

Do ponto de vista da estrutura da narrativa, o presente estudo está alicerçado em três tópicos, onde no primeiro foi feita uma abordagem a respeito da leitura e a escola básica brasileira. Em seguida, no segundo tópico a abordagem é a respeito da leitura como sendo um dever da escola, docentes e família. No último tópico é feita uma sugestão didática de como a leitura e literatura deveriam ser ensinadas, bem como uma reflexão a cerca do papel docente. Por fim, são apresentadas as considerações finais do estudo.

A LEITURA E A ESCOLA BÁSICA

Um dos grandes aliados da leitura é o texto literário, pois o amor ou gosto pela leitura dificilmente surgem por meio de textos que não sejam literários.

Neste sentido, o filósofo dominicano destaca que:

> El hábito y el amor por la lectura literária forman la mejor llave que podemos entregar al niño para abrirle el mundo de la cultura universal. No es que la cultura haya de ser principalmente literária; lejos de eso (...). Pero el hábito de ler dificilmente se adquiere em libros que no sean de literatura. (UREÑA, 1967, p. 152).

Assim, o citado autor registra a importância do texto literário como instrumento ou passaporte para conhecer não apenas seu contexto, mas o contexto da cultura universal. Contudo, há de se ter cuidado com a chamada escolarização da leitura para que a mesma deixe de ser um encontro precioso consigo e com a cultura geral para se tornar uma obrigação escolar.

Na mesma vertente de pensamento Tzvertan Todorov, menciona que:

> [...] o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. (...) Para esse jovem, Literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens,as paixões, enfim, sobre sua vida intima e pública (TODOROV, 2009, p. 10).

Neste sentido, ao tratar da leitura Vicent Jouve destaca que: "O que a leitura permite, portanto, é a descoberta de sua alteridade. O "outro" do texto, seja do narrador, seja de uma personagem,

sempre nos manda de volta, por refração, uma imagem de nós mesmos." (JOUVE, 2002, p.132).

Segundo ZILBERMAN (2009), a leitura literária consiste na base para o desenvolvimento e da percepção cultural do aluno. A mesma autora ainda defende que não há possibilidade de se ensinar literatura sem contato direto com o texto literário.

Contudo, há de se ter o cuidado especial na condução das leituras ao longo dos projetos propostos pelos docentes para que os alunos não entendam as mesmas como uma mera obrigação de uma etapa avaliativa e assim não consigam transgredir o texto em si e alcançar as questões da própria realidade.

Neste sentido,

> [...] a leitura da literatura se faz presente na vida desses jovens através da educação formal e acaba travestida de mais uma obrigação escolar, contaminando-se do senso de obrigatoriedade consequente desencanto. Soma-se a essa presença enviesada, o fato de que o enfoque e o acervo priorizado, ao contrário do cardápio que a indústria cultural contemporânea oferece, habita as páginas da história da literatura e atende a critérios de escolarização utilitários, resultando num encontro, muitas vezes fadado ao insucesso. (VAZ et al, 2017, p. 235).

Quanto ao desenvolvimento do gosto pela leitura, William Cereja, em sua obra Ensino de Literatura, destaca que:

> O gosto pela leitura e a criação de hábitos de leitura é facilitado quando o aluno está em permanente contato com livros. Contudo, é falsa a ideia de que nas famílias de maior poder aquisitivo os jovens necessariamente gostem mais de ler. O sucesso do trabalho com leitura na escola depende não só do contato direito dos alunos com livros, mas também, e muito, do estímulo oferecido pelo professor e das interações estabelecidas em torno do livro. Modos variados de abordagem da obra – pesquisas, seminários, debates, criações artísticas na forma de teatro, vídeo e músicas, produção de textos, desenvolvimento de projetos (jornal, revista, programa de rádio) –

> geralmente estimulam mais o jovem do que a mera verificação de leitura por meio de provas. (CEREJA, 2005, p.53) .

Da mesma forma resta claro que a literatura é a promotora da emancipação intelectual. A literatura expande horizontes, apresenta outros mundos e possibilidades de se constituir uma visão macro, compreender e muitas vezes auxiliar na resolução de questões da própria realidade do leitor.

Alinhando-se a esta mesma ideia Regina Zilberman organizadora da obra Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas, citando Rudolf, é enfática ao destacar que: "do domínio da habilidade de ler e da familiaridade com a cultura resultaria a emancipação intelectual do indivíduo, capaz de formar as próprias opiniões, decidir seu destino e elevar-se espiritualmente (ZILBERMAN, 2009, p. 24).

A leitura desta forma não pode estar dissociada da cultura, pois o encontro entre as duas é que propicia o caminho para vida de liberdade de pensamento e tomada de decisões mais consciente quanto às demandas de sua realidade.

A referida autora ainda é assertiva ao mencionar que: "Por isso, seja no âmbito coletivo, seja no plano individual, a conquista da habilidade de ler é simultaneamente o primeiro passo na direção da liberdade, de uma parte e de outra, para a assimilação dos valores da sociedade." (ZILBERMAN, 2009, p. 27)

SAMUEL (2002) menciona que a cultura de um povo se realiza, em diversos sentidos, nas ciências e nas artes. É inegável conceber a literatura como parte da cultura de uma nação. Assim, culturalmente falando um povo se compreende em sua plenitude quando nesta plenitude também está contemplada a arte literária.

Reafirmando o impacto da literatura na vida do estudante, Regina Zilberman em outra obra de sua autoria – Leitura em crise

na escola: as alternativas do professor –menciona que: "Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação entre o indivíduo e o mundo que o cerca [...] (ZILBERMAN, 1988, p. 17).

Claro está que a leitura no âmbito escolar além de seu caráter informativo, tem por finalidade proporcionar ao aluno mais autonomia e o desenvolvimento de competências para que assim possa de forma consciente se apropriar da realidade, dando assim sentido ao que se lê.

Para que seja alcançada essa finalidade maior da leitura, se faz necessário combater em sala de aula algumas práticas que podem comprometer todo esse processo. Trata-se do ensino autoritário da leitura, onde mesma é sempre direcionada para uma avaliação ou cobrança futura. É necessário apresentar a leitura como prazer, a leitura como hábito saudável.

Mais uma vez, Regina Zilberman, constata que

> [...] os recursos à literatura pode desencadear com eficiência um novo pacto entre os estudantes e os textos, como entre o aluno e o professor. Nesse caso, trata-se de estimular a vivência única com a obra, visando o enriquecimento intelectual do leitor, sem finalidades precípuas ou cobranças ulteriores. Já que a leitura é uma descoberta do mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual, cumpre deixar que este processo se viabilize na sua plenitude [...] (ZILBERMAN, 2009, p.35)

Neste mesmo sentido: "temos que combater concepções do tipo 'ler é codificar' etc, pois tais concepções são reducionistas, não levando em conta a compreensão e o posicionamento" (SILVA, 1988).

Uma forma de romper esse reducionismo no ensino da leitura é a necessidade de mudança de postura por parte dos docentes. É urgente que ao trabalhar o texto literário ou não literário em

sala, os professores apresentem questionamentos de cunho crítico e mais abrangente como forma de se valorizar o texto lido. Infelizmente em muitas escolas o que percebido é que o aluno é levado a acertar ou interpretar aquilo que muitas vezes já está posto de forma clara como identificar autoria do texto, personagem protagonista, espaço-tempo da narrativa.

É imperioso que se tenha de forma efetiva nos espaços escolares um acompanhamento real dos planejamentos dos docentes em Literatura, bem como combater a chamada didatização dos livros de literatura, sejam didáticos ou paradidáticos. Somente assim, será possível conhecer o real lugar da literatura no ambiente escolar.

Neste sentido, Girotto e Souza (doutoras em educação) ao discutir o ensino da leitura e da literatura, registram que:

> Para que isso se concretize, defendemos o uso do ensino explícito/reflexivo, inerente à própria abordagem das estratégias de leitura, nas aulas de língua materna – aqui especificamente na educação literária das crianças. No aprendizado e desenvolvimento da metacognição é importante estimular os alunos a partilhar seus progressos e suas dificuldades, os processos que utilizaram, as percepções sobre si próprios como leitores em formação e de seus comportamentos cognitivos durante a realização das tarefas e a explicitar e avaliar antes, durante e depois da leitura os processos que já realizavam e passaram a realizar na/para/com atividade literária (GIROTTO & SOUZA, 2011).

Pensando na literatura como estratégia para a emancipação Barbosa destaca que "a literatura nunca é apenas literatura, o que lemos é sempre mais – é História, Psicologia, Sociologia". (BARBOSA, 1994). Desta forma, é possível afirmar que a literatura não é apenas humana, mas também humanizadora. A literatura tem sempre algo mais a dizer em seu texto do que simplesmente contar uma história. Ela desperta reflexões, inquietações e o encontro consigo mesmo.

Neste mesmo sentido, Joana Cavalcanti afirma que: "a literatura se faz da palavra e além dela" (CAVALCANTI, 2002).

Assim, percebe-se que muitas vezes o texto é o pretexto para se abordar as questões fundamentais de forma mais suave ou até mesmo lúdica, conforme o estilo de linguagem empregado.

A leitura literária exerce tamanho fascínio no leitor que muitas vezes mesmo no ambiente privado de sua casa, o leitor é levado a outros mundos, assim "as obras têm a capacidade de fazer-nos sentir estranhos em casa" (BLOOM, 2001, p.13).

Com relação ao papel da literatura no ambiente escolar, FILIPOUSKI (2006) destaca que: "Ao ler e escrever a partir dela, o estudante aprenderá a ler e escrever a existência." Assim, segundo este autor, o aluno ao ter contato direto com a literatura terá plenas condições de compreender e alcançar questões que talvez sem a mesma levaria tempo ou até mesmo não pudesse compreender com tal clareza.

Desta forma, a escola precisar ter consciência de seu papel político na condução dos seus alunos a um patamar elevado de consciência social. É na escola e por meio dela que se formam as gerações leitoras de um país. Uma geração capaz de contextualizar suas leituras com a realidade que o cerca.

LEITURA: DEVER DA ESCOLA E DA FAMÍLIA

A leitura é a porta para autonomia humana na sociedade. Assim, a mesma não pode ser um dever exclusivo da instituição escolar, mas de todos que fazem parte da mesma, incluindo neste rol as famílias dos discentes.

Neste sentido, a Carga Magna Brasileira, prescreve a responsabilidade solidária em relação à educação das crianças, ao estabelecer que:

> Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Enfatizando a relevância da literatura, FILIPOUSKI (2006) menciona que a "literatura colabora para o desenvolvimento de uma cultura do pensar, prepara os alunos para resolver os problemas, para as decisões, deixando-os motivados para um aprendizado contínuo." Neste sentido, ao tomar consciência do poder e do papel que exerce a literatura em seu cotidiano, o aluno se sentirá motivado a seguir na busca por novos saberes, pois terá a consciência de que quanto mais a literatura fizer parte de seu cotidiano, mais ampla será sua visão da realidade.

Reafirmando seu pensamento, o autor ainda registra:

> Ler é produzir sentidos. Ler literatura é produzi-los a partir de contextos delimitados, interagindo com aspectos culturais d épocas ou povos diversos, com crenças e costumes, com os quais é possível estabelecer identificação ou reconhecer diferenças, aprender o novo redimensionar o conhecimento, partilhar universos próximos ou distantes (FILIPOUSKI, 2006, p. 225).

Coadunando-se a este pensamento de formação de um leitor crítico, capaz de opinar sobre as questões essenciais de sua realidade, Ezequiel Theodoro da Silva, em sua obra "Leitura no contexto escolar" afirma que: "Ler para compreende textos, participando criticamente da dinâmica do mundo da escrita e posicionando-se frente à realidade – esta a finalidade básica que estabelecemos para as práticas de leitura na escola" (SILVA, 1988).

Contudo, cabe aqui uma reflexão: Não é possível atribuir somente ao professor o encargo da formação do leitor crítico. É

necessário repensar desde as propostas de ensino de leitura nas escolas, como também as políticas públicas para acesso a literatura, seja esta por meio de textos impressos ou mesmo virtuais. Também se faz imperativa uma mudança no trabalho pedagógico e o sistema educacional vigente.

Segundo a Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE): "Letramento em leitura é a capacidade de compreender, utilizar, refletir e envolver-se com textos escritos, com a função de alcançar uma meta, desenvolver seu conhecimento e seu potencial, e participar da sociedade." (OCDE,2013)

É a partir do efetivo letramento literário que o aluno encontra meios para de fato efetivamente participar de sua sociedade e desenvolvimento de seu potencial.

De acordo com Bordini e Aguiar, "o acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens" (1988, p. 10).

Neste sentido, as escolas precisam de fato repensar suas práticas quanto ao ensino de leitura e literatura, bem como suas concepções pedagógicas e contemplá-las observando o cotidiano e realidade dos discentes de sua comunidade educativa, pois como bem afirma Rildo Cosson: "Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (COSSON, 2014, p. 27).

Enquanto lê o homem se transforma em ser social, assimila de fato o mundo que o circunda, compreende-se como efetivo participante de uma realidade maior.

A escola então passa a ter uma função primordial na formação desse leitor crítico, pois é ela quem mostra o caminho a ser

percorrido até que o aluno possa em sua vida pós-escolar seguir sendo continuamente um leitor.

Neste sentido, Cosson mais uma vez afirma que: "no ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração" (COSSON, 2014, p. 27).

A leitura literária para além das questões relacionadas a formação do leitor crítico, também proporciona ao mesmo acesso ao aprendizado da própria língua, visto que, trata-se de um texto imbuído de grande riqueza não apenas de sentido, mas também do ponto de vista do próprio léxico.

Do ponto de vista social a leitura literária permitirá conhecer crenças, costumes, realidades com as quais talvez o leitor jamais tenha idealizado. Essa de fato é uma aprendizagem para toda vida.

Cosson destaca essa mesma realidade ao afirmar que:

> A literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo. Foi assim com o latim e o grego antigo, cujo ensino se apoiava nos textos da Era Clássica, para o aprendizado dessas línguas de uso restrito e para o conhecimento produzido nelas (COSSON, 2014, p.20).

Neste sentido, não há como conceber que a educação básica, mais precisamente o Ensino Médio sem privilegiar a leitura literária. Ao contrário é necessário usá-la como apoio para a formação de leitores críticos e agendes sociais mais conscientes de seu papel.

Nesta mesma vertente, Zilberman faz um alerta:

> Se, no passado, a escola apoiava-se fortemente no ensino da literatura e, mesmo sem ter como meta formar leitores, acabava, às vezes, contribuindo para isso, no presente, dá as costas para a tradição e termina por privar os alunos de qualquer história. A lógica que chamamos de retroativa é abandonada, sendo substituída por um

> argumento perverso, conforme o qual, na falta da literatura consagrada, devemos ficar sem nada (ZILBERMAN, 2009, p.16).

Nesta jornada formativa alguns cuidados precisam de atenção para não incorrer nos erros do passado. O primeiro passo que parece ser mais urgente é o trabalho de orientação ou mediação da leitura que deve ser feito pelo docente.

Neste ponto merece destaque o fato do professor também antes tudo ser um leitor, ou seja, a prática da leitura prazer deve fazer parte de sua vida. Não há como tentar construir uma ideia da qual o principal agente condutor não introjeta em seu cotidiano a ação primordial que é a leitura. Professores leitores são facilmente percebidos pelos alunos, pois estes sempre fazem comentários com propriedade de suas leituras e seu envolvimento com as mesmas é tão motivador que faz com que a curiosidade para também buscar esse texto surja.

Um professor leitor sempre deixa à disposição uma obra que seja adequada aquele momento educativo ou até mesmo social que sua realidade esteja vivenciando.

Outro ponto importante em se tratando de adolescentes no Ensino Médio é o fato de muitas obras estarem ganhando uma versão cinematográfica ou transformadas em série que estimula muitas vezes o telespectador a buscar o texto que deu origem a tal produção. Assim, tais produções adaptadas da literatura podem ser sim um estímulo à leitura literária. A exemplo de tais produções registre-se o trabalho do autor Harlan Coben que cedeu os direitos autorais de várias produções literárias para a plataforma Netflix, bem como a autora espanhola Maria Duñas titular da obra "O tempo entre Costuras" que também está disponível na mesma plataforma. Cabe aqui ainda lembrar o recente sucesso de audiência do canal HBO "Pequenas Grandes mentiras" (*big little lies*) indicado ao prêmio Emmy.

Essa pode ser uma forma de romper com o ensino tradicional da literatura, a saber:

> En el caso de la tradición de la enseñanza de la literatura em la escuela secundaria, donde el peso del saber estaba puesto en el conocimiento enciclopédico de la historia de la literatura, en desmedro de la lectura de los próprios textos, las tareas de aula basaban en la memorización y repetición de información como prácticas habituales (ALVARADO, 2013, p. 66).

O mencionado autor ainda enfatiza:

> Lo requerido a los alunos era la memorización de fechas,datos biográficos y contextuales,acaso poesias. En el caso de que se incluyeran lecturas de textos literários, se solicitaba a los alunos la producción de resúmenes del argumento de las obras leídas como estratégia para el control del cumplimiento de las lecturas requeridas (ALVARADO, 2013, p. 66).

Assim, é preciso romper com o passado de estratégias didáticas que não agregavam novos conhecimentos e se constituíam em uma repetição de informações que nunca permitiram ao aluno uma real visão ou inserção intelectual.

O mesmo autor acima citado ainda destaca:

> En la escuela media, las tendências dominantes se habían reducido al prestigioso conocimiento histórico de la literatura que desde el punto de vista didáctico se limitaba al estúdio memorístico de fechas, nombres de autores, de obras, caracterizaciones de movimentos estéticos y correlaciones temporales con acontecimentos histórico-políticos coetâneos a las proucciones literárias (ALVARADO, 2013, p. 66).

Este tipo de postura didática como já dito anteriormente em nada agrega na formação do tipo de leitor que se busca formar: o leitor crítico. Nesta mesma vertente tradicional na prática

da leitura e o ensino de literatura, Rildo Cosson, enfatiza que o mais importante é dar destaque a produção literária em si e não a vida privada do autor.

Neste sentido, menciona: "longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler seus textos." (COSSON, 2014, p. 60).

Refletindo a respeito das práticas de ensino da leitura e literatura no ambiente da sala de aula, Carolina Cuesta, estudiosa argentina, em sua obra "Discutir sentidos" sugere a substituição da expressão aprendizagem por apropriação, por entender que a primeira permite um maior entrosamento entre aluno e professor no momento de vivencias as experiências com a leitura literária.

Desta forma, a referida autora sugere:

> El uso del término "apropriación" en lugar de "aprendizaje" propone instalar en las aulas uma política del conocimiento basada en el desafio de que nuestros alunos nos digan. Nos hagan partícipes, de las maneras en que están conociendo a la literatura en sus modos de ler. A eso lellamo pensar la epistemologia de la literatura que está presente en los modos de ler en el aula, en el marco de la cultura escolar (CUESTA,2006, p.105).

Tratando do ensino da leitura literária, a mesma autora ainda destaca:

> Articular los modos de leer literatura de nuestros alunos – en la decisión política y pedagógica de leer junto con ellos en el aula – con los conocimientos a enseñar es recuperar nuestro lugar de profesionales de la enseñanza se entende en el marco de la cultura escolar, de sus lógicas institucionales, de las negociaciones que debemos entablar con los directivos, los colegas, los inspectores y el curriculum. (CUESTA,2006,p.91)

Assim, é preciso que todos os profissionais da comunidade escolar repensem e pensem o seu papel no ambiente escolar. Pensar e repensar as práticas de ensino é sinônimo de maturidade e permite redirecionar os objetivos e caminhos a serem percorridos.

COMO A LEITURA DEVERIA SER ENSINADA E O PAPEL DOCENTE

Após essa reflexão a partir de teóricos, pode se questionar: afinal como deveria ser o ensino de leitura e literatura? Quais os melhores caminhos didáticos a serem percorridos para tornar esse ensino efetivo, já que muitas vezes o texto literário é tão distante dos alunos?

Para responder a estes questionamentos serão utilizados estudos de autores não apenas brasileiros, mas também outros autores da América Latina. Essa escolha multiétnica se justifica à medida que se compreende que a realidade dos países que formam a América Latina é semelhante apesar de suas facetas tão peculiares.

Pensando em como poderia tornar mais dinâmico e eficaz o ensino da leitura literária, Bordini; Aguiar sugerem que:

> O primeiro passo para a formação do hábito da leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele. [...] A familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o consequente desencadeamento do ato de ler (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 18).

Desta forma, estar próximos de uma literatura que tenha correspondência com a realidade do aluno, permite que o mesmo se veja e se reconheça nos textos literários. Se sentir parte do universo da literatura é se reconhecer como alguém para além de sua realidade. Na mesma vertente:

> Independentemente da estratégia usada para conduzir a obra, o professor não pode deixar de apresenta-la fisicamente aos alunos. Aqui vale a pena levar a turma à biblioteca para retirada do livro diretamente da estante. Se os livros não estão na biblioteca, mas sim na estante da sala de aula, pode-se fazer uma pequena cerimônia para separar a leitura daquela obra das atividades usuais. Nos casos em que se usa uma cópia ou reprodução, convém deixar os alunos manusearem a original do professor. (COSSON, 2014, p.60)

Neste sentido, seja possível alcançar o prazer da leitura literária como preleciona Rildo Cosson: "permita que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige" (COSSON,2014, p. 23).

Pensar no público leitor é um dos fatores que podem determinar o sucesso da leitura literária, pois raras as vezes um indivíduo desperta seu gosto pela leitura a partir de um texto sem qualquer correspondência consigo.

O professor precisa conhecer seu público e entender principalmente nos casos que a leitura literária ainda não é um hábito consolidado de onde o mesmo pode partir, ou seja, quais os gostos, quais autores chamariam atenção, quais temáticas seriam férteis para esse grupo.

Quando o professor deixa de lado essa preocupação, a leitura literária passa a ser uma obrigação, uma avaliação a ser vencida, uma etapa a ser transposta e o prazer de estar em contato com a literatura torna-se um fardo do qual o aluno queira rapidamente se livrar e ainda construir uma imagem negativa para outras gerações que poderiam nascer a partir da motivação dele caso existisse.

Neste sentido, Regina Zilberman destaca que: "[...] estudar o público enquanto fator ativo do processo literário, já que a mudança de gosto e preferências interferem não apenas na circulação e, portanto, na fama, dos textos, mas também em sua produção." (ZILBERMAN, 1989, p. 17).

Também no mesmo viés: "Levar em consideração a realidade do aluno, neste caso, pode significar eleger as metáforas para a construção dos novos significados a partir daqueles que supostamente os alunos já conhecem" (MACHADO, 1995, p. 163).

Outra estratégia que pode ser implementada, segundo citado autor - pode ser positiva- é levar os alunos ao espaço da biblioteca e fazer com que o mesmo desenvolva sua autonomia literária de escolha, busca e pesquisa. Contudo, esta sugestão pode revelar algumas mazelas da educação brasileira. Uma delas é demonstrar a inexistência de bibliotecas em muitas escolas públicas.

Outra questão que pode ser revelada é o uso do espaço da biblioteca escolar para outras finalidades como, por exemplo, depósito.

Ainda na mesma análise pode se constatar que a biblioteca está permanentemente fechada ou o acervo é tão reduzido que concluíram que o melhor seria inutilizar o espaço.

Esta geralmente não é a realidade das escolas privadas. No espaço privado o que pode ser identificado como mazela no ensino da leitura literária é a carência de projetos que contemplem a mesma de forma eficaz. No âmbito privado existem bibliotecas, salas de leitura, espaços adequados, acervos atualizados e vastos, mas muitas vezes há uma carência de estratégias didáticas que possam tornar esses espaços verdadeiros templos da leitura literária.

Seguindo nas estratégias didáticas que poderiam tornar a leitura literária um momento dinâmico e prazeroso, o professor pode sugerir o chamado "Momento do conto". Nas aulas do Ensino Médio mais precisamente quando se aborda o movimento realista, o professor apresenta um novo formato de gênero textual, diferente da novela ou do romance. Neste momento, é informado que a literatura passou a contemplar também microestruturas que precisavam ser breves e de fato assim permitir a reflexão de uma temática social atual. Assim, o docente sugere o conto.

Certamente o docente apresentará do ponto de vista da teoria literária a estruturação do mesmo, mas para tornar este conteúdo efetivamente prazeroso, o professor pode pedir que os alunos produzissem um conto com limitação de páginas sobre alguma temática do momento ou sobre alguma questão de relevância social e socializar o mesmo em um blog literário criado por eles mesmos.

Pode ser pedido aos alunos ainda para a partir de um conto do cânone nacional (por ser geralmente o objeto de estudo no Ensino Médio a Literatura nacional) dar um desfecho distinto e surpreendente, mas que esteja em consonância com o contexto do enredo. Os melhores textos seriam públicos e premiados.

Por fim, uma última sugestão de estratégia não tem nada de inovador, mas sempre é a mola propulsora da imaginação: a boa e velha leitura.

Contudo aqui essa leitura guarda algumas singularidades. A leitura aqui destacada é a leitura sem a cobrança por meio de uma avaliação formal. A mesma posteriormente pode ser objeto de uma roda de debates, seja este sobre a obra em si ou uma temática presente na mesma.

Nada impede também que a partir da leitura literária seja feito um trabalho interdisciplinar com o docente de arte para que os alunos dessem a leitura uma representação artística. Assim a leitura literária ganharia uma ressignificação.

Outra abordagem que pode ser significativa na aprendizagem na literatura e produtiva no desenvolvimento no gosto pela leitura literária é o trabalho por meio de projetos.

O ensino por meio de projetos, sejam estes de leitura literária ou projetos de literatura, estão em consonância com o que prescreve Machado (1995): o conhecimento como uma rede de metáforas, em que o próprio ser humano faz suas conexões a fim de alcançar uma maior compressão do conhecimento.

Especialmente no que se refere ao planejamento das atividades didáticas, a concepção de conhecimento como uma teia acentrada de nós e relações significativas, em permanente transformação e atualização, conduz a uma radical mudança de perspectivas e expectativas (MACHADO, 1995, p. 154).

Muitas seriam as sugestões didáticas para o ensino de leitura literária, contudo os exemplos acima são meramente ilustrativos dentre muitos que poderiam ser viabilizados.

Em qualquer estratégia desenvolvida, o papel do professor é crucial seja na motivação ou condução. Mais uma vez cabe destacar aqui que um professor que não consome regularmente literatura não pode ser fiel representante da mesma a ponto de motivar outros a consumi-la.

É cada vez mais necessário aproximar o ensino da realidade dos alunos e nesse sentido, chegar a uma estratégia que "permita que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige." (COSSON, 2014, p. 23).

Por fim, e não menos importante ao tratar da relevância do ensino da leitura e literatura no Zilberman, registra que: "O acesso à leitura e ao conhecimento da literatura é um direito desse cidadão em formação, porque a linguagem é o principal mediador entre o homem e o mundo." (ZILBERMAN, 2012, p. 212).

A mesma autora ainda ratifica:

> Privar o indivíduo dessa relação com o universo da escrita e da leitura é formar um cidadão pela metade ou nem formá-lo, razão por que a presença e a circulação de objetos a serem lidos na sala de aula são tão importante nessa faixa de estudo (ZILBERMAN, 2012, p. 212).

Assim, percebe-se a relevância dos projetos de leitura literária e literatura, pois para além de aspectos do conteúdo, os

mesmos permitem um encontro pessoal dos alunos com suas questões mais intimas, podendo inclusive compreender que suas questões sejam de ordem pessoal – afetiva ou sociais, são antes de tudo questões pertinentes a uma universalidade de pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, mais uma vez é necessária uma revisão de postura que esteja mais atenta as reais necessidades para um ensino eficaz de literatura no Ensino Médio, permitindo assim não apenas a formação de jovens leitores, mas cidadãos críticos capazes de se posicionar e tomar decisões.

Muito mais do que trabalhar textos diferenciados em sala de aula, já que todos estão inseridos em uma cultura letrada, há necessidade de se proporcionar aos alunos, especialmente os do Ensino Médio, haja vista sua formação para o chamado 'Projeto de Vida' preconizado pelos documentos oficiais, contato com o texto literário, apresentar sua importância, fazê-lo compreender o mundo e a sociedade por meio da história bem tecida e bem concatenada presente e típica dos textos literários.

Para além, disso, é de extrema relevância que professor esteja consciente de que, mais do que favorecer a leitura de obras, ele deverá proporcionar a existência de um efetivo letramento literário, por meio do qual, o aluno possa, de fato, tornar-se mais que um mero leitor, mas sim um leitor crítico, consciente de seu papel na sociedade atual.

Cabe ainda destacar que compete ao professor o desenvolvimento de forma criativa e responsável, bem planejada do ensino de literatura em qualquer etapa da educação básica, principalmente no Ensino Médio.

Por fim, acredita-se que esse seja um caminho para tornar o ensino de literatura mais interessante, essa é a contribuição de professores engajados na sua tarefa maior de ensinar: ensinar para o futuro, ensinar literatura para a vida.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, Maite (coord.). **Entre Líneas:** teorias y enfoques en la enseñanza de la escritura, la gramatica y la literatura. Buenos Aires: Flacso Manantial, 2013.

BARBOSA, João Alexandre. **Literatura nunca é apenas Literatura**. São Paulo: FTD, 1994.

BLOOM, H. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: Paulus, 2002.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2021.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura.** São Paulo: Atual, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

CUESTA, Carolina. **Discutir Sentidos:** La lectura literária en la escuela. Buenos Aires: Zorzal, 2006.

FILIPOUSKI, A. M. Para que ler literatura na escola? In: FILIPOUSKI, A.M. **Teorias e fazeres na escola em mudança.** Porto alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GIROTTO, Cyntia; SOUZA, Renata. Estratégias de leitura: uma alternativa para o inicio da educação literária. In: **Álabe**, 4, dezembro de 2011.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESCP, 2002.

MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e didática:** as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo: Cortez, 1995.

OECD. (2013). *Portugal:* **Reforming the State to promote growth**. Paris: OECD. Retrieved from http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/0313051e.pdf?expires=1392660782&id=id&accname=ocid49018198a&checksum=14A3CA99A960C4E0DECA10F962B4F742.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. Petrópilis: Vozes, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro.**A leitura no contexto escolar**. Série Ideias n. 5. São Paulo: FDE, 1988, p. 63-70.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VAZ, Artur Emilio Alarcon, MARTINS, Cláudia Mentz ,PIVA, Mairim Linck. **Práticas de ensino de literatura:** do cânone ao contemporâneo. São Paulo: Editora Horizonte, 2017.

ZILBERMAN, Regina, ROSING, Tânia M.K. (orgs). **Escola e Leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

_____. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Bom livro, 1989.

_____. **A leitura e o ensino da literatura.** Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.